



RITUAIS, TRABALHO DOCENTE E MODALIDADE A DISTÂNCIA: MOMENTOS DE AVALIAÇÃO DE UM PROCESSO

Gisele Costa
giselecostaprof@gmail.com
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais

ISSN 2316-6479

Resumo

A partir do encerramento da primeira turma do curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância, na Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás, a proposta deste artigo é a de exercitar o processo de avaliação do curso. Questões como trabalho docente, identidade do/a aluno/a, políticas de expansão do ensino público são discutidas em paralelo com a entrada do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) como ferramenta de mediação na modalidade de ensino à distância, assim como inclusão digital e valorização do trabalho docente.

Palavras-chave: Avaliação; ensino a distância; trabalho docente.

Abstract


From the closure of first class of the Visual Arts Graduation at the distance education modality, on the Visual Arts College, from Universidade Federal de Goiás, the purpose of this paper is the exercise of the course evaluation process. Issues such as teaching, students identity, policies to expand the public education are discussed in parallel with the input of the Information Technology and Communication (ICT) as a mediation tool in the form of distance learning, as well as digital inclusion and appreciation of teachers.

Keywords: Evaluation; distance education; teaching.

Ritos, rituais e reflexões...

Como 'atriz' que atua na vida social, entendo que, por mais que pareça um clichê, alguns rituais chegam para performatizar dada situação ao mesmo tempo em que trazem em si muitas interrogações para refletirmos. Aproprio-me do ponto de vista de Mariza Peirano (2003) quando a mesma define um ritual como "um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo" (p. 10).

Ao trazermos a importância dos rituais no cotidiano da educação, Claude Rivière (1997) levanta a importância dos rituais que são incorporados desde muito cedo, já convivemos com esses pequenos marcos, que vão pontuando e significando a própria vida. De forma que vamos cumprindo uma série de ações cotidianas, pequenos ritos que vão desde a chegada na escola, na qual



cumprimentamos o/a professor/a, os horários das aulas divididos pela batida da sineta, do próprio espaço escolar, a conclusão das etapas através das quais a trajetória acadêmica é construída.


A conclusão de um curso superior, além de imaginarmos que seja o último dos rituais do mesmo, se constitui por um conjunto de ritos que assinalam o caminho que desenha uma tênue linha entre vida acadêmica e profissional. Esse momento funciona como símbolo que confere o reconhecimento do/a estudante de capacidade profissional. No dia 30 de abril de 2012, forma-se a primeira turma do curso de Licenciatura em Artes Visuais, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Goiás. Quatro anos de curso, outros dois de preparação para a oferta do curso e mais algum tempo para concluir pendências.

Esse momento, dessa turma em especial, parece ter trazido à tona uma miríade de preocupações que aconteceram também durante o andamento do curso, mas que o ritual da formatura faz tais inquietações parecerem mais urgentes. A expectativa é grande, por parte de alunos/as, professoras/es, tutoras/es, coordenadores/as, idealizadores/as, gestores/as, autoridades políticas (prefeitos/as e secretários/as de educação), etc. Com uma previsão de 230 formandos/as, o que se vê é um entusiasmo que gira em torno de questões que iniciam-se em torno do grande número de formandos/as – pelo que tem sido anunciado, a maior turma de um único curso formado pela Universidade Federal de Goiás / UFG.

Nessa ocasião que traz a sensação de balizar os anos de dedicação aos estudos, alguns incômodos surgem na forma de questões que refletem o processo que construiu a experiência de trabalhar em uma modalidade de ensino que gerou mais dados de pesquisa do que o tempo, eterno limitador, nos permite analisar: de que forma se deu a experiência desse/a aluno/a atuando na modalidade à distância? De que maneira o currículo que foi proposto, baseado na experiência que já tínhamos no ensino convencional, ‘se comportou’ dentro do contexto da mediação através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s)? Por fim, como foi a experiência daqueles/as que atuaram como docentes nesse contexto?

Avaliações, questões políticas e desdobramentos

Partindo de um olhar que revisita minha própria experiência como professora, acredito ser possível afirmar que uma das maiores dificuldades do ‘ofício’ seja o momento da avaliação. Avaliar não somente ao/a aluno/a, mas também o percurso, o que foi proposto, a seleção de conteúdos que inevitavelmente é feita, as disciplinas que compõem o currículo, os recortes e focos que vão se construindo sobre os mesmos e o desempenho de cada sujeito que vivenciou



o processo. A busca por critérios que seriam ‘mais objetivos’ é um exercício cotidiano, mas não se pode afirmar que é sempre bem-sucedido.


Nesse sentido, vejo-me diante de um ano em que há muito a avaliar, e esse ‘muito’ vai além de minhas práticas cotidianas, relacionadas com as disciplinas pelas quais sou responsável ou pelas turmas com as quais convivo. O ‘acontecimento’ que motiva a escrita desse artigo coincide com um ritual com o qual já deveria ter-me acostumado: uma formatura. No entanto, as particularidades desse evento vão ao encontro de outras redações de outros artigos, como o que foi apresentado nesse mesmo seminário, em 2010, *Ensino presencial e a distância: entrelinhas de uma experiência em trânsito*.

Há dois anos, o momento era de excitação e descoberta. Dividia-me entre as duas modalidades de ensino, convencional e à distância, e como que enamorada pela novidade que as possibilidades do envolvimento de tecnologia, mediação, visualidade e educação, a escrita baseou-se em um paralelo entre as duas modalidades. Hoje, continuo a atuar nas duas modalidades e vejo que o trânsito entre ambas tem muito a ensinar, provocar e questionar.

A docência na modalidade à distância continua no mesmo curso, a(s) Licenciatura(s) em Artes Visuais/FAV, na Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás/UFG. O motivo da possibilidade do uso do plural refere-se justamente à situação vivenciada nessa grande malha em que temos atuado. São quatro etapas, com entradas via processo seletivo realizadas em anos letivos diferentes, que acontecem em parceria com alguns programas do governo federal – Universidade Aberta do Brasil/UAB (com duas turmas), Prolicenciatura e Plano Nacional de Formação de Professores/PARFOR. No caso da UAB, a oferta é aberta a qualquer interessado. Já os programas Prolicenciatura e PARFOR possuem o objetivo de possibilitar a formação específica na área – no caso, de Artes Visuais – para professores que já atuam na docência sem tê-la.

A dimensão assusta quando falamos em números. Em fins de 2011, a Faculdade de Artes Visuais atendia 29 municípios do estado de Goiás. Em cada uma dessas cidades, a proposta inicial era de turmas formadas por 35 alunos/as, culminando em um total de 1015 alunos/as. Não se pode negar que a evasão existe, e as razões pelas quais ela acontece não são foco dessa reflexão, embora também façam parte das preocupações que motivaram a mesma.

Tal volume de aumento no número de alunos/as vinculados/as a uma unidade (FAV) de uma das universidades (UFG) se dá em função de uma ‘realidade’ motivadora: o objetivo de ampliação da oferta de ensino superior à população brasileira. A experiência aqui narrada, bem como as reflexões que dela tem derivado, pertence a um contexto bem maior. Em busca de um maior entendimento



nessa direção, é importante relembrar os fortes vínculos existentes entre educação e política, tomando como ponto de partida o ano de 2010, momento de minha entrada na Universidade Federal de Goiás, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Sem a intenção de enaltecimento em termos de liderança política, a importância de levantar o cenário possibilita compreensões que deram origem à educação à distância (EaD) que temos nos dias atuais.

Conforme matéria divulgada no sítio do Ministério da Educação/MEC, em 2006, a intenção é levar “a educação superior às regiões localizadas no interior do país” através do ensino a distância, trazendo “125 mil novas matrículas na rede em cinco anos, o que significa um aumento de 21,75% sobre o total de alunos” (BRASIL/MEC, 2012).¹

De fato, o impacto que a oferta e a conclusão da primeira turma do curso é imenso no que se refere a volume de formandos, ou seja, os/as professores/as licenciados/as na área que irão atuar no ensino fundamental e médio e ao alcance da universidade fora dos grandes centros. Sendo vista como uma ferramenta possível para a tão desejada democratização da educação, a Ead, através das TIC's, a ideia de educação mais acessível pode ser facilmente uma possibilidade. No entanto, em que condições isso tem acontecido?

Tendo como finalidade a ideia de dar início ao projeto de instituição do curso de Licenciatura em Artes Visuais, pode-se afirmar que o ensino convencional, base da experiência que temos com o universo da educação, foi – e ainda o é – usado como interface na modalidade a distância. Tal analogia é possível principalmente em função do principal elo de conexão entre os sujeitos envolvidos no curso em questão: uma interface, através da qual a relação pedagógica se estabelece, que recebe o nome de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)².

Esse espaço configura-se em um sítio na web que é acessado exclusivamente pelos indivíduos que atuam no mesmo – alunos/as, tutores/as a distância, tutores/as presenciais, professores/as e coordenadores/as – e, na experiência que forma a base desse artigo, é ancorado por um pacote de softwares denominado Moodle, *modular object-oriented dynamic learning environment*³ (MOODLE, 2010), regido pela filosofia *open source*⁴.


Tal interface vai configurando-se como que um tecido, tendo suas tramas e urdumes arrematados por nós (*links*) que direcionam o usuário à rede hipertextual

1 O projeto de expansão do ensino público não acontece apenas através do incentivo ao ensino à distância. O Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) também integram essa iniciativa.

2 Embora o nome mais apropriado fosse Ambiente Digital de Aprendizagem.

3 Ambiente orientado a objetos de aprendizagem dinâmica.

4 O termo *Open Source* no Brasil recebe o nome de Código Aberto e se pauta pela filosofia de livre distribuição de sua licença.




que constrói o Ambiente Virtual de Aprendizagem. Essa configuração traz à tona modos de leitura e escrita não-lineares que difere do formato institucional cartesiano através do qual as estruturas educacionais se organizam. Embora encontremos com frequência o decreto da crise do sistema educacional em que estamos inseridos/as, ainda é através dele que damos o ponto de partida para a experiência que tenta alterar seu desenho.

Nesse sentido, o hipertexto e seu uso trazem consigo a possibilidade de tornarem os espaços acadêmicos lugares de múltiplas falas, de construção de conhecimento de forma coletiva e dialógica. Entretanto, é preciso enfatizar o termo ‘possibilidade’. Sinto que tanto alunos e docentes quanto gestores e lideranças políticas ainda vêm tais possibilidades através das lentes do ensino convencional, tentando trazer os conceitos das paredes e formatos da sala de aula convencional e os corredores formados por elas para o ambiente virtual. Transitando entre dois modelos de ensino, comecei a observar como os tutores e professores – incluindo-me nesse grupo – que atuam no ensino a distância vêm a rede que perpassa nossas práticas. Práticas estas que não são apenas pedagógicas, mas que carregam consigo muito de nossa história e de nossos modos de ver o mundo.

Para muitos de nós, o modelo inspirador coincide com os modos como aprendemos, nas escolas onde estudamos. Assim mesmo, com todos os referenciais, sujeitos, metodologias e ritos. A instituição de ensino de que fizemos parte seria uma metáfora para o sítio denominado AVA e a finalidade de cada espaço de interação, parece ser o critério que justifica o batismo desses hipertextos com os nomes (possivelmente) ‘correspondentes’ desses espaços convencionais. Assim, a discussão formal sobre o conteúdo disciplinar é chamada de sala de aula, a secretaria destina-se a solução de questões administrativas, um diretório com arquivos digitalizados seria a biblioteca e um espaço de diálogo entre os alunos seria um pátio. Contudo, esse espaço não é uma sala de aula, bem como não existe ali uma biblioteca e nem uma cantina. Então, o que esse espaço é?

Começo utilizando Manuel Castells (2001) e seu ponto de vista de que o espaço deixa de ter concretude, e vai se reconfigurando em fluxos de informação que alteram nossas relações com os tempos e territórios que ocupamos e conhecemos. Esses territórios passam a ser cambiáveis e transcendem a espacialidade física e nos remetem à relação entre lugar e não-lugar, proposta por Marc Augé (1994), hibridizando-se em nossas práticas de forma muito sutil, nem sempre facilmente perceptível.

O segundo desafio que emerge de um oceano de outros tantos, coincide com a desconstrução “em torno das concepções que os professores têm de arte,



de educação e de cultura” (GUIMARÃES e GUIMARÃES, 2009, p. 4) através do diálogo entre prática e teoria “durante o seu processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que essas práticas interferem e articulam na construção conceitual e teórica desse sujeito” (Idem, p. 4). A ideia é transcender a noção de usuário e almejar o sujeito que propõe e produz. Em relação a essa dificuldade, o próprio fato de ser um curso novo, iniciado em 2007, dá aos professores/as que atuam no mesmo a possibilidade de formação continuada, tanto no que se refere a suas práticas como às nossas, uma vez que as novas aprendizagens que emergem desse contexto também se alimentam das experiências e bagagens trazidas por esses sujeitos.


Tomando de empréstimo a liquidez de que fala Zygmunt Bauman (2001) para caracterizar a formação de professores de artes visuais a distância, mediado pelas TIC's, é preciso confrontar essa ação com a solidez da instituição de ensino público superior. Em outras palavras, as regras são as mesmas para os cursos a distância e convencionais, mas as situações são muito diversas entre si. No entanto, o que a vivência tem demonstrado é a urgência de uma reavaliação que gira em torno de uma curta, mas complexa questão: que tipo de educação queremos? E tal pergunta nos conduz à outra: que tipo de EaD desejamos?

Entre desejos, experiências e possibilidades

Pensando em termos de números de alunos/as matriculados/as e professoras efetivas que atuam no curso de Licenciatura em Artes Visuais, o que resulta é uma proporção assombrosa. Caso fôssemos dividir o número de alunos/as que eram, a princípio, previstos/as (1015) pela quantidade de professoras efetivas em 2012 (após a realização de alguns dos processos seletivos para as vagas do REUNI), a elevada média de alunos/as atendidos/as por cada uma corresponderia a 145 alunos/as. A carga horária assumida por esse grupo de professoras também assusta: a carga horária semanal de um/a professor/a da Universidade Federal de Goiás varia entre 8 a 16 horas semanais, verificando o Sistema de Cadastro de Atividades Docentes⁵, a média das professoras que atuam no ensino a distância varia entre 50 e 55 horas semanais, ou seja, o acúmulo de horas/aula é cerca de 3 vezes maior do que aquela pelas quais esse grupo de docentes foi contratada.

Então, estamos de volta às questões que envolvem o tipo de educação através da EaD que queremos. A preocupação que é muito presente nas

5 Sistema que a Universidade Federal de Goiás usa para registro e acompanhamento das atividades dos docentes. As disciplinas pelas quais cada um/a é responsável, bem como a produção acadêmica e administrativa consta desse documento interno.




discussões desse grupo de docentes refere-se à questão da qualidade. A procura de referenciais para a possibilidade de conceituar a ‘qualidade’ esperada, encontro-me com Pablo Gentili (1995) e a noção de “excelência”. Ou seja,

Na esfera educativa, a ideia da ‘excelência’ mobiliza a competitividade entre as instituições, entre os alunos e os docentes. Não raramente, ela vem seguida de uma ênfase exacerbada na mediação, nos critérios padronizados para averiguação dos êxitos cognitivos dos alunos e da produção docente, sugerindo que o simples ordenamento hierárquico diagnostica e melhora por si mesmo a situação educacional. Além disto, a padronização permite localizar, na massa dos sujeitos individualizados (professores ou alunos), aqueles que são mais dotados, com o objetivo de colocar à sua disposição os melhores recursos (p. 209).

De que forma essa busca pela excelência vem encontrar-se com o que, de fato, tem acontecido? A dificuldade em tentar ir a busca de uma possível resposta vai além da imensa quantidade de dados que são produzidos e armazenados pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem. Quando o que entra em cena são os obstáculos, a própria dificuldade com a tecnologia e seu manuseio é um grande problema. Há estudantes que concluíram o curso, e se formarão com dificuldades tão básicas (de acordo com as noções que os entusiastas das benesses da tecnologia) quanto a organização dos arquivos do curso, como revela uma aluna do polo de Alexânia: *“ué, professora, eu sei que este arquivo está em algum lugar porque eu baixei, mas, agora, não sei onde está, então a senhora podia aumentar o prazo para a atividade, por favor?”*. No caso da turma que entrou na universidade em 2010, um grave problema é a baixa velocidade de acesso à internet na cidade de Mineiros suficiente apenas para navegação online, sem transmissão de mídias e download de arquivos. O argumento que parte da inclusão digital seria convincente a partir do momento em que realmente houvesse um incentivo para que os/as alunos/as, de fato, tivessem acesso a essa tecnologia e soubessem fazer uso dela no maior número de potencialidades possíveis. Essa não é uma responsabilidade da universidade, mas das políticas fomentadoras de tais projetos.

Entre as responsabilidades da universidade estão o planejamento pedagógico, o acompanhamento das ações de ensino-aprendizagem e as reflexões entre essas questões. Como exemplo, trago a problematização que temos feito sobre o currículo que seria mais funcional na modalidade à distância. Estamos longe de um consenso, mas o que pode-se averiguar entre pontos em comum é a necessidade de revê-lo. Tomando por base o ensino convencional e a base curricular com a qual o mesmo já vinha trabalhando, algumas mudanças foram feitas, mas os eixos se mantiveram: (a) a contextualização do contexto local



no que se refere à realidade educacional da região; (b) articulação da formação docente em artes visuais ao contexto local, trazendo a arte como bem público e (c) o vínculo entre o processo de formação de professores/as e a inclusão digital rumo à noção de autonomia do sujeito.


Nossas relações acontecem em um curso da Universidade Federal de Goiás (UFG), mas não *na* Universidade Federal de Goiás (UFG). Não há uma frequência no *campus*, com a conferência da chamada, as aulas não acontecem nas salas de aula de seus edifícios, o acesso a bibliotecas e departamentos de assuntos acadêmicos depende de uma viagem a cidade que sedia o *campus*, que muitas vezes não é a mesma na qual esses/a aluno/a reside. Assim sendo, o modo como esse/a aluno/a se vê e percebe sua identidade, incompleta e 'em processo', é construído a partir de suas experiências e um dos objetivos desse projeto de pesquisa está em investigar esse processo de construção identitária.

Seguindo nessa linha de raciocínio, é possível entendermos que esse descobrir também faz parte do papel do/a professor/a que vem ensinando outros/as a serem professores/as. Não queremos um ensino tecnicista, não é isso em que viemos acreditando e essa não é a base de nosso trabalho. No entanto, não seria essa a lógica que estaria sendo proposta? Não estaríamos seguindo rumo ao que Marx analisa como conseqüência do capitalismo nos processos produtivos?

No processo de ensino à distância mediado pela Tecnologias da Informação, é impressionante o quanto o trabalho pode tornar-se invisível. A mediação pela máquina parece sugerir que não há 'alguém' que faz aquele trabalho que é vista por meio da tela do computador. Em acordo com Marx (1985),

Quando a máquina passa a manejar a ferramenta, o valor de troca da força de trabalho desaparece ao desvanecer seu valor de uso. O trabalhador é posto fora do mercado como papel-moeda retirado da circulação. A parte da classe trabalhadora que a maquinaria transforma em população supérflua, não mais imediatamente necessária à auto-expansão do capital, segue uma das pontas de um dilema inarredável: ou sucumbe na luta desigual dos velhos ofício e das antigas manufaturas contra a produção mecanizada, ou inunda todos os ramos industriais mais acessíveis, abarrotando o mercado de trabalho e fazendo preço da força de trabalho cair abaixo de seu valor (p. 492-493).

Além do sintoma de desvalorização do trabalho docente, não podemos evitar que o que o media nossa relação com o/a aluno/a, o Ambiente Virtual de Aprendizagem, também é o mesmo que atua como panóptico e contabiliza o tempo em que estamos trabalhando sem considerar que o trabalho não é apenas estar *online*. E o tempo para a pesquisa, para a elaboração de conteúdos, para



a leitura de livros e para a avaliação? Se não estivermos *online*, não é trabalho? Que poder é esse que nos amarra através dos interstícios e vai transformando-se em um conjunto de verdade construída através de discursos empoderados por leis e decretos cujo objetivo aparente é o de aumentar e melhorar estatísticas?

O uso da máquina e das TIC's vem no sentido de democratizar o acesso ao ensino ou no sentido de desvalorizar o trabalho docente? São dois lados de uma moeda que acabamos de forjar. Lúcia Santaella (1997) defende que, da relação entre homem e máquina, surge um novo tipo de humanidade, cujos sujeitos mostram novas formas de sentidos “que crescem para fora do corpo humano, estendendo seus tentáculos em novas conexões cujas fronteiras estamos longe de poder delimitar” (pp. 41-42). Dessa forma, entendo que há uma nova maneira de perceber, de aprender e de produzir conhecimento que altera – ou deveria fazê-lo – o modo como devemos ensinar. Surgem novas formas de ser alunos/as e professores/as, novas ‘alunicidades’ e “professoralidades” (FRANGE, 2012).

Em vias de conclusão, entre desafios e obstáculos, encerro esse texto com o intuito de trazer como pano de fundo um cenário que vem se construindo de forma paulatina, a formação de professores de artes visuais via tecnologias da informação e comunicação (TIC's). A proposta foi problematizar, a partir de um momento festivo, o ritual da formatura da primeira turma do curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás, na modalidade a distância. As questões que se desdobraram dessa proposta foram em direção à subjetividade dos envolvidos nessa experiência e vai ao encontro de um momento de voltar o olhar para o mesmo, dando concretude à proposta de avaliação de um projeto. Foram levantados pontos como a valorização do trabalho docente no que se refere ao uso das TIC's como mediação no contexto educacional, bem como as condições que os/as alunos/as possuem para lidar com esse sistema que se pauta pela experiência do ensino convencional. Como linhas e pontos constituintes desse processo, alguns desafios são descritos e discutidos como questões que ainda tem muito a contribuir a construção desse tecido de relações híbridas, nômades e líquidas desenhado pela formação docente e mediado pelas tecnologias da informação e comunicação.

Diante de tantas questões, dúvidas, inquietações e problematizações, a proposta para o encerramento é a mesma que dá início à escrita desse artigo e retoma o que ainda tem muito a ser investigado: que tipo de ensino na modalidade à distância desejamos? Estamos seguindo rumo à autonomia do/a aluno/a ou a uma forma do panóptico de Foucault (1987)?



Referências

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Editora Jorge Zahar, 2001.

BRASIL/MEC. *Medidas anunciadas contemplam cinco áreas da educação*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=6449&option=com_content&view=article. Acesso em 4 de março de 2012.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANGE, Lucimar Bello P. Semiótica e história do ensino de arte. In: *Anais do XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte*. Disponível em: <http://cbha.art.br/coloquios/2002/textos/texto03.pdf>. Acesso em 14 de março de 2012.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomás Tadeu (Orgs). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUIMARÃES, Leda e GUIMARÃES, Alexandre. *Entre imaginários e imagináveis: representações do professor na educação a distância*. In: *Anais do II Seminário de Educação em Rede*. Goiânia: UFG, 2009.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*, pp. 37-59. São Paulo: UNESP, 1997.

Minicurrículo

Gisele Costa, graduada em Design pela PUC-Goiás, mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e pós-graduada em Patrimônio Histórico e Musealização pela PUC – Minas Gerais. Professora assistente I da Faculdade de Artes Visuais/UFG, atua nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância e Design de Moda. Investiga questões relacionadas a identidades e subjetividades dos sujeitos através das representações visuais.